

Fábio Mandingo

Ogã de Xangô, Capoeira, professor de história, escritor, pai de família, nascido em Santo Amaro-BA, criado na Ribeira, mestre em Educação e torcedor do Vitória. Publicou pela Ciclo Contínuo Editorial: *Salvador negro rancor* (2011); *Morte e vida virgulina* (2012); *Muito como um rei* (2015) e participou da coletânea *Pelas periferias do Brasil* (Org. Alessandro Buzo).

entre os casarões coloniais

Assim me chamaram dizendo que era ele morto entre as ferragens. Havia o som, as meninas dançando. Minha mente ainda não tava no flash e conseguia apreciar o desenrolar da noite e mesmo sentir o cheiro das meninas balançando os cabelos. Do reggae sempre me fixei na linha do baixo e do contraste com o bumbo marcado. Balancei um pouco também numa música que já usava de trilha desde muito e rolou mesmo uma troca de sorrisos e o vento noturno batendo suave na pele naquele quintal decorado com fileiras de lâmpadas amarradas nos galhos mais baixos das árvores e ganja manchando um pouco a superfície. Acho que eram mangueiras.

Cortou minha onda.

Subi sem querer as escadas desviando dos casais que se beijavam sentados. Cortaram minha onda e eu agora cortava a onda dos outros na sucessão de licença preciso passar. Tentando recuperar o foco pra lidar

com a merda que me esperasse lá em cima. Disseram que era ele, devia ser, difícil branco circular por ali. Ele entrou nessa paranoia de droga sociológica de querer estar à vontade nos espaços, onda da porra. Paguei as roskas, ainda tive que deixar uma pelo meio na mesa lá embaixo, era o cara mesmo. Curva aberta da porra o cara foi direto no poste, loucura de droga com certeza. Uma barcona hyunday. Nunca fui de aprender nome de carro, mas a porra era grande mesmo, cor grafite claro, falava sozinha e as porra. O poste quase abriu o carro no meio, a rua enorme, uma curva enorme, que desgraça esse cara tava na cabeça pra buscar o poste assim no canto das duas ruas que se encontravam naquela curva. Tudo deserto pra os dois lados, os casarões enormes eram puro silêncio, acho que ninguém mais morava ali fazia um tempo onde os manos montaram o barzinho massa que só tocava reggae de quarta a domingo e segunda e terça era escritório no porto da barra.

Onze e meia eu peguei o fone pra confirmar a hora e treze chamadas desse figura sem atender. Nenhum gosto por cenário de sangue não. Olhei só pra confirmar. Já tinha uns cinco ao redor olhando, mas polícia e agente de trânsito nenhum ainda. Tocando Sun is shining lá em baixo, as moças deviam estar moving the dancing feets. Nem abordo nunca, mas já tinha rolado uma troca de sorrisos e a aplicação de um rebolado de samba praquela música tranqüilinha de rocksteady, sei lá, sempre tem espaço pra ilusão.

O cinto segurou pra não voar pra fora. Morreu. Eu acho que já tava morto ali. Morreu com a cara esmigalhada no volante. Boca aberta. Estiquei a mão por dentro do vidro, apalpei os bolsos buscando o celular. Treze mensagens não respondidas, o cara espatifado naquela porra de rua deserta. Chamassem o CSIMiami pra encontrar digital minha naquela bagaceira. Coloquei no meu bolso. *Lamentável, vamo aí, vai chover de polícia...*

II

Se foi após uma palestra na uneb, a porra desse cara desceu com os universitários eu fui ver minha prima dando palestra ela é inteligente paporra, eles desceram pra jogar sinuca na Baixinha, laranjada da porra, a gente conversando, o jogo era de birro, sobre quilombismo o cara ainda tava de paletó e gravata e sapato preto de propaganda antiga e dando um bocado de ideia errada de somos todos iguais e essas ladainha ele se sentindo todo incluído e a gente não incluía ele nem na conversa, eu acho que droga ele já tinha descido ali pra buscar e falava sem parar.

A conversa só direta de mim pra minha prima e as amigas delas inteligentes e o mano que subiu comigo pra ver ela falando todo empolgado fazendo várias perguntas massa e eu matei duas bolas minhas ainda tirei de tabela a nove do parceiro que tava na boca pra cair. O coroa do bar botou logo aquele das melhores de Edson Gomes, ando sobre a terra e vivo sob o sol, o peça sabia e cantava as porra das músicas todas. Entre o conhaque e a cerveja a discordância era sobre a aplicação na atualidade, que foi bem o que ela falou no auditório. Matei minhas bolas, ainda tinha o parceiro e a amiga inteligente. Minha prima matou logo as dela. O cara fumava uma pacaia fedorenta da porra que já vinha enrolada na palha de milho. De paletó e gravata e sapato preto, com uma pacaia de palha de milho na boca.

Tentava sobreviver no seguro desemprego quartinho com banheiro na mouraria sem janela por enquanto. A graduação me levou de volta pro mesmo lugar de onde eu parti. Quartinho sem janela na mouraria. Mas era centro da cidade e dava pra andar de a pé largando currículo nos escritórios que ainda resistiam ali. O cara pegou meu telefone com a minha prima e grudou. A onda dele era que eu era um cara que ele gostava de debater porque eu tinha coragem de discordar dele que era consultor de engenharia e ganhava quinze mil por mês mas não podia ser quem era de verdade na

frente da família filha e esposa e os pais que eram ricos mas ele era uma pessoa legal que se identificava com o povo e eu era uma pessoa inteligente que ele gostava de debater porque tinha uma visão de mundo.

Passou a frequentar todo dia, ou melhor, todas as noites entre o horário que saía da empresa e horário em que a mulher dele tava acostumada a ele voltar pra casa, eu tava meio que sem namorada e meio interessado em observar aquela situação ali como alguém que surpreende um carrapato preso na axila e o observa sugando seu sangue antes de arrancar e esmagar. Era um à vontade. Me chamava pelo nome na frente da casa as meninas que faziam ponto na Palma depois vinham me perguntar qual era daquele playboy que ficava gritando meu nome na frente da rua. Ele já subia sempre com um Buchanan e cocaína e a caixinha pra adaptar o iphone eu sentado na frente do ventiladorzinho o conversar e debater dele era um monólogo de se fuder que não terminava nunca sobre ele mesmo os conflitos sem parar de falar nem enquanto encarcava o nariz na nota de cem. Dólares. Que essa música foi gravada em uma sessão de 27 horas seguidas e o guitarrista tava quase em coma alcoólico e tinha putas e traficantes circulando durante a gravação.

Sobre os livros, os filmes, os discos, os artistas, as teorias, os aplicativos, o debater dele era dizer que sabia que eu concordava com ele mesmo quando a minha opinião era totalmente contrária ele dava a volta na retórica pra dizer que eu tava falando a mesma coisa que ele porque eu era o cara que ele gostava de debater, era um calor da porra no quarto sem janela eu nunca aceitava quando ele me oferecia o prato, acho que vi ele detonar dois G numa sentada só e falava sem parar até a hora de sair eu já tinha umas dezessete garrafas de meiotá de Buchanan, chivas e dunhill. Ele botava pra dentro de droga, porque também amassava uns comprimidos de dualid e fenobarbital e despejava pra cima de mim informação sobre todo o entretenimento

que o mundo já produziu e que ele achava que eu tinha interesse em saber e conhecer.

Aí começou a colar nas festinhas que eu ia sabia que eram as festinhas que eu gostava por minha prima que sempre ia com as amigas dela lá e começou com essa vacilação de abraçar as pessoas na hora de pular no bate-cabeça e falar pegando nas pessoas um polvo cheio de tentáculos pegajosos eu não conseguia mais relaxar porque a cara das pessoas era de que só suportavam aquela porra ali porque o cara tava comigo e continuava falando sem parar mesmo quando tava tocando música. No rap tava lá, no samba colava e atravessava na mesa o pandeiro querendo explicar pro coroa a diferença entre Riachão e Batatinha, no dub tava lá, não descobriu o terreiro que eu frequentava, no reggae trazia hash marroquino e babava a seda falando sobre estufas e lâmpadas.

Quando se arranca do sovaco um carrapato dá uma coceira engraçada eu coloquei o fone no ouvido parliament consegui ainda gritar correndo pra o ônibus pernoitão que parou a noite ia realmente muito agradável com aquele rocksteady tocando e aquela moça balançando as tranças e me sorrindo rebolando como se fosse um samba de Martinho me livrar daquele telefone flagoroso acho que semana que vem conseguia subir pro quarto de cima com a janela que dá pra ver o fundo do quartel e o sino da igreja e convido a amiga inteligente pra tomar whisky.

Morte feia da porra.

Mandingo XII.VIII.MMXVI

[TEXTO INÉDITO]

entre os arranha-céus da província

Entre os prédios imensos, as amplas avenidas. Na noite, essas luzes dos carros, dos reflexos nos vidros, dos postes altos iluminando bem o asfalto perfeito, sempre agradaram minha emoção provinciana. Mas estranhei aquela Salvador meio paulistana.

Entrei no saguão junto com um casal que caminhava de mãos dadas, pensando em demonstrar confiança, estar familiarizado ao ambiente. Creio que o porteiro está já acostumado aos moradores andarem com um ou dois elementos exóticos, eu de moletom surrado e blusa da lavagem de Itapuã. Assim que passamos a área comum, peguei o elevador da torre oposta.

A festa já ia bem adiantada. Não sei ao certo se era mesmo a cobertura ou somente um apartamento com área externa ampla. Os homens de ternos esportivos pretos, as mulheres com vestidos elegantes. Conversavam fumando, bebendo em copos apropriados para as bebidas que os garçons faziam circular. Elas arrumavam pra trás os cabelos deixando ver os pescoços pálidos. Gesticulavam sensualmente as mãos com os cigarros, encostados em pilares desse neoclássico ridículo de Salvador.

Lembrei da cena do primeiro episódio do Boondocks, o pequeno Huey no quintal dos vizinhos...

Afundi em um sofá que estava vazio. Bebi três taças de um vinho branco frio. Um jazz sofrível de música ambiente, plástico puro. Precisava ficar chapado como eu queria. Sentindo o sangue fluir, os olhos da-rem algum brilho.

Nenhum olhar me acompanhou no caminho do banheiro e me agachei anônimo atrás do vaso sanitário onde armei a bomba. Coisa simples de circuitos conectados a um timer de relógio.

Atravessei de volta a sala, trazendo comigo a taça pro elevador.

Nem cheguei à esquina quando explodiu. Duas bolas de fogo e um festival de vidros estilhaçados. Sem gritos. Bebi o último gole do vinho e joguei a taça em um monte de sacos azuis de lixo de condomínio. A rua ainda deserta, embora algumas luzes dos prédios vizinhos começassem a ser ligadas. Os brilhos corriam em meus olhos como os braços de Bruce Lee ou um vidro de benflogin.

Andei assim por um pedaço de hora na direção do mar, até uma casa térrea onde parecia estar acontecendo uma festa de universitários. A roupa me serviu também pra essa ocasião e ninguém estranhou a minha presença. Em uma mesinha de canto haviam garrafas, ao lado de uma poltrona onde um casal se beijava, emaranhados em cabelos lisos. Agarrei uma de conhaque e busquei a saída dos fundos da casa, algum lugar pra sentar. Tocava alguma porra com uma guitarra baiana renitente.

Os jovens vinham ali próximo à porta de saída, vomitavam e retornavam cambaleando pra a festa. Às vezes me fitavam, sentado em um degrau da escada observando. Já quando a escuridão cedia lugar, uma pirralha loira sentou sobre o próprio vômito e dormiu. Usava um calção vermelho de boxe e uma blusa do *rageagainstthemachine*.

Precisei passar por cima das pernas dela quando vi que o sol já tinha nascido. A porta dava pro Moinho da Bahia.

Já começava a suar cachaça no sol da manhã quando vi o ônibus do Beiru vindo do Comércio. Corri meio torto balançando a mão, a tempo de fazer o motorista parar e abrir a porta pra que eu subisse.

Mandingo XXV.III.MMXVII

[TEXTO INÉDITO]

